



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

OS EVANGÉLICOS E OS PENTECOSTAIS

Marcos Roberto Inhauser

No final do século XIX, no meio-oeste norte-americano, vários metodistas e outros do movimento de “santidade” estavam obcecados com a possibilidade de falar em línguas. Entre eles estava Charles Fox Parham, quem cria que o batismo no “Espírito Santo e com fogo”, e que isto era evidenciado com o falar em línguas estranhas.

No ano de 1900 Parham abriu o Colégio Bíblico Betânia em Topeka, Kansas com o objetivo de propagar suas ideias. Ensinava que Deus daria a seus seguidores o dom de línguas, sem ter que estudá-las, para que fosse facilitada a evangelização mundial. Para ele era falar línguas inteligíveis por outros povos, tal como havia ocorrido no dia de Pentecostes. Foi na rua Azusa, Califórnia, que A. G. Garr foi o primeiro homem branco a falar em línguas. Garr foi para Índia na esperança de poder pregar em Hindi assim que chegasse, mas não conseguiu.

Na noite de passagem do ano em 1900, Parham e seus alunos realizaram um culto para receber o novo ano e Agnes Ozman, uma evangelista, pediu que *“Ihe impusessem as mãos para que recebesse o Espírito Santo, pois desejava ir a outros países”*. Enquanto Parham orava por ela, a mesma afirma *“que foi coberta por uma glória que se parecia a um halo que se formou ao redor da cabeça”*. Alega-se que ela tenha falado chinês. Nos próximos dias, mais da metade dos 34 alunos, incluindo Parham, falaram em línguas. No entanto, alguns não estavam convencidos do que viam e abandonaram o Colégio Bíblico.

Muitos denunciaram a Parham como “fanático e enfermo”, e houve rumores de que era homossexual, o que nunca se provou. O seu movimento foi crescendo pelo meio-oeste norte-americano onde ele afirmava ter entre treze e vinte e cinco mil seguidores.

A análise dos fatos e das correntes de pensamento que estavam em vigência, tem levado alguns a afirmar que o pentecostalismo é a vertente teológica da filosofia dos sentimentos de Schleiermacher, sendo ela mesma uma teologia dos sentimentos.

Outros afirmam que o Pentecostalismo só podia ter surgido nos Estados Unidos, onde se deu o casamento da teologia com a psicologia (diferenciando da teologia europeia, casada com a filosofia), com os exageros havidos no condicionamento psicológico durante as campanhas de reavivamento (*revivals*), e a psicologização da conversão via experiência do “novo nascimento”.

Perceba-se que este primeiro impulso pentecostal tinha a obrigatoriedade do falar em línguas como evidência do batismo do Espírito. Por isto foram e são ainda chamados de pentecostais glossolálicos. Porque esta experiência não se mostrou constante, há os pentecostais não glossolálicos, que afirmam não ser o falar obrigatório da evidência do batismo.

Uma pergunta surge a esta altura: se o batismo do Espírito na compreensão pentecostal é tão vital para a vida da igreja, porque o mesmo só veio a ser “descoberto” 1900 anos depois do início da Igreja? Como pôde a Igreja viver sem esta “benção” tanto tempo? Se Agostinho, Lutero, Calvino, Zwínglio, os Anabatistas, Wesley e tanto outros nunca passaram por esta experiência, seriam eles verdadeiros cristãos? Ou é o pentecostalismo uma exigência adicional ao evangelho?